HIPOCRISIA

José Flávio de C. Fernandes

Introdução

> Naquele tempo, viveu um homem sábio, *chamado* Jesus, *pois eram tantas suas obras admiráveis. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade (judeus e gentios). Era o Cristo. Quando denunciado pelos chefes religiosos, Pilatos o condenou à cruz; mas aqueles que o tinham seguido, desde o início, não deixaram de lhe ser fiéis, porque ao terceiro dia, depois de morto, apareceu a eles novamente vivo. Mesmo em nossos dias,* 50 anos depois, *não acabou o grupo dos que, por causa dele, se chamam cristãos!*[1]

Vinte séculos depois, muitos ainda se identificam como cristãos, ou melhor, como "católicos", "luteranos", "metodistas", "presbiterianos" ou ".....". Será que nós continuamos verdadeiramente fiéis ao "Carpinteiro Jesus" e acreditamos apaixonadamente que ele está vivo, estimulando as nossas forças e nossa esperança? Será que estamos fazendo eco à consciência da responsabilidade histórica de Jesus, do Deus encarnado nos grandes desafios do seu tempo e de todos os tempos?

São muitas as perguntas dirigidas a nós, "seguidores do Cristo Jesus de Nazaré"[2], que recebem, quase sempre, respostas negativas e/ou evasivas. Onde está a coerência de nossos atos que não correspondem à fé que professamos? Dois mil anos de caminhada e de experiências diversas, ao invés de lançar luzes na efetivação concreta do Reino divino, parecem desacreditar, fazer desanimar o povo que espera ansioso o projeto do Cristo que veio para ficar e ser norteador de nossas relações pessoais e interpessoais. O ideal comunitário que brota das entrelinhas no segundo livro de Lucas (Atos dos Apóstolos), fruto de experiências profundas no Deus da vida, *sempre ressuscitado*, parece não ser nosso ideal prático hoje. O que está por trás da falta de compromisso ético na construção de uma nova comunidade? Temos feito a experiência profunda de Deus na pessoa de nossos irmãos, sobretudo entre e com os mais pobres (Mt 25,31-46)?

Dentro do *Projeto Ser Igreja no Novo Milênio* e dando continuidade à nossa reflexão bíblica, agora, com base no livro dos Atos dos Apóstolos, vamos mergulhar em alguns textos que revelam a nossa hipocrisia de ontem e de hoje, marcada pelo individualismo com conseqüente enfraquecimento das relações comunitárias. Com isso, te-

1. JOSEFO, Flávio. *Antigüidades Judaicas e Guerra dos Judeus contra os Romanos*. São Paulo: Editora das Américas, 1963, vol. V, livro XVIII, nº 772.

2. Entendemos que o discípulo de Jesus Cristo se constitui não por aprender teoricamente uma doutrina, mas sim por partilhar o modo de vida do Mestre, realizar sua práxis, assumir seu destino. Portanto, ter fé em Jesus Cristo significa comprometer sua vida com a dele, pois só então esta fé, que é vida, garante que nossos dias neste mundo desembocarão na mesma ressurreição (salvação) de Jesus Cristo.

mos o intento de ajudar a renovar a consciência da identidade (o que devemos ser) e da missão que temos (o que devemos fazer) como seguidores do Cristo vivo.

Desafio cristão

No último mês do milênio passado, as comunidades cristãs celebraram o Advento: tempo para reanimar a fé na intervenção salvadora de Deus.

A maioria dessas comunidades cristãs estão encravadas nos países mais ricos e importantes do planeta. No entanto, a hipocrisia cristã destes é responsável pela maioria das chagas que não encontram remédio nessa atual lógica excludente de gerenciar a vida do planeta.

Será que nossa utopia já é, como diria Galeano, um "cavalo cansado"? E, por isso, devemos apear? Podemos continuar sonhando com uma sociedade justa, igualitária, fraterna? O verdadeiro Deus, a verdadeira religião, a verdadeira Igreja de Jesus podem tolerar o descrédito do povo nas lideranças (sejam elas quais forem), a falta de solidariedade, de compaixão, a desesperança, a falta de coerência entre a fé que se professa e a prática que se tem? Qual é o nosso verdadeiro Deus?

Será que cremos que a humanidade seja filha do Deus da Vida e do Amor?

Fazer a ligação entre a Palavra de Deus e a história de nossos dias, integrar a fé e a experiência de vida, espiritualidade e justiça social, oração e política, é um desafio para todos os cristãos que percebem o compromisso de levar adiante o mesmo processo vivido pelo Povo de Deus, pelos profetas e por Jesus Cristo. Tal exigência faz crescer nossa consciência a respeito do que está acontecendo conosco, enquanto pessoas, comunidades (justiça social) e nos leva a desenvolver uma vida espiritual adequada às circunstâncias da vida neste novo momento.

Levar a palavra de Deus a sério supõe conseqüências lógicas e inevitáveis. Acreditar que Deus está Vivo e fala através das Sagradas Escrituras é acreditar na esperança de concretização do Reino. Renunciar a isso seria diminuir a força operativa dessa Palavra, a nós dirigida, e sepultar a esperança de dias melhores para milhões de irmãos excluídos.

A práxis cristã do amor é o apelo mais urgente da Palavra. É essa comunhão de interesses e responsabilidades que deve nos unir nesta tarefa. Nossa fé não pode descansar. A Palavra continua aí, chamando à vida; contudo, a vida continua aí, não acolhendo a Palavra. Permanecer na Palavra é condição fundamental de discipulado (Jo 8,31a).

Muitas dessas questões esperam encontrar em nós ouvidos capazes de discernir e de nos fazer despertar para a prática verdadeira do amor (*agápê*), para as preocupações mais urgentes da vida que clamam por justiça.

O que dá sentido à nossa existência humana é o empenho na tarefa, que é de todos nós, de trabalhar para que o Reino de Deus se realize. Nosso primeiro desafio hoje é o de encontrar o justo parâmetro que tenha a consistência de implantar maior justiça

social para todos. O segundo é o despertar em todos a sensibilidade para com o valor da dignidade humana.

O alvorecer desse novo século e milênio nos convoca a um empenho profético para que o Evangelho tenha conseqüências de maior relevo na vida concreta das pessoas.

Vamos procurar resgatar agora, brevemente, ao longo da trajetória bíblica, qual a raiz-origem, os significados e adaptações que nossa palavra-chave *hipocrisia*, ponto central desta reflexão, recebeu até chegar a nós hoje.

O termo hipocrisia

O termo hipocrisia vem do grego que significa "replicar". No uso e desenvolvimento desse vocábulo veio a assumir o significado de *ator de teatro*, partindo da idéia de que os atores replicam uns aos outros. O ator representa um papel, não o que ele é internamente. Finalmente o termo adquiriu o sentido moderno de "hipócrita".

No Primeiro Testamento não se encontra o *conceito de hipocrisia*. Encontramos o termo hebraico *hanep*[3], que significa poluído, ímpio, perverso, cruel. A idéia básica é a de alguém que usa de duplicidade, mostrando-se, assim, ímpio e insincero, culpado de levar uma vida fingida, hipócrita.

Para denegrir adversários dentro da comunidade do povo israelita, usavam-se expressões que sugeriam duplicidade (Sl 11,3), bajulação (Is 30,10) e intrigas (Dn 11,21.24).

No Segundo Testamento, o termo grego *hypókrisis*, "hipocrisia", aparece somente por sete vezes[4]. O adjetivo *hypokritês*, "hipócrita", aparece (sempre nos evangelhos sinópticos) por vinte vezes, sempre no sentido de *aparentar ser bom, sem sê-lo*[5]. Na maioria dessas situações Jesus denuncia os líderes religiosos cuja espiritualidade não correspondia à ostentação deles em público.

Tais líderes profanavam a prática religiosa, transmutando-a em uma peça de teatro, chegando ao cúmulo de atrair as multidões, que aplaudiam o espetáculo que davam, recebendo como recompensa o aplauso delas.

A hipocrisia consiste, portanto, em fingir alguém ser aquilo que ele não é, como se estivesse representando ser melhor do que, na realidade, é. Alguém gostaria de ser algo significativo. Não sendo isso, o indivíduo apresenta ao público uma fachada de bondade que é falsa ou exagerada. A mesma idéia tem-se na dissimulação, no farisaísmo, no fingimento e na falsa pretensão. Assim, a hipocrisia é o ato de simular algo ausente no indivíduo, algo que ele procura aparentar falsamente.

3. A raiz da palavra hanep, *hnp*, aparece em trechos como Jó 13,16; 15,34; 17,8; 20,5; 27,8; 34,30; 36,13; Pr 11,9 e Is 9,17. Cf. CHAMPLIN, Russel Norman & BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1991, vol. 3, verbete "hipocrisia".

4. Cf. Mt 23,28; Mc 12,15; Lc 12,1; Gl 2,13; 1Tm 4,2; Tg 5,12 e 1Pd 2,1.

5. Cf. Mt 6,2.5.16; 7,5; 15,7-9; 16,3; 22,18; 23,13-15.23.25.27.29; 24,51; Mc 7,6; Lc 6,42; 11,44; 12,56 e 13,15.

Ampliando o conceito de hipocrisia

Com referência a certos textos bíblicos, procuraremos, agora, de forma mais genérica, elencar algumas das mais diversas facetas da hipocrisia em confronto com a urgência e seriedade do Reino de Deus, o que ampliará nossos horizontes a respeito do grave perigo que a mesma exerce como obstáculo concreto à realização do projeto salvífico divino dirigido às comunidades primitivas e a todos nós hoje.

Da mesma forma que Deus (Is 29,15-16), Jesus Cristo reconhece os hipócritas (Mt 22,18). Deus não encontra prazer algum na hipocrisia (Is 9,17); um hipócrita não pode apresentar-se diante de Deus, esperando o seu favor (Jó 13,16). Os hipócritas são cegos por sua própria vontade porque, ao procurar enganar os outros, enganam-se a si mesmos, tornando-se cegos em relação ao seu próprio estado, porque são incapazes de ver a luz (Mt 23,25-26). Buscam, com freqüência, tirar os ciscos dos olhos de seus irmãos e irmãs e não reparam a trave que está em seus próprios olhos (Mt 7,5).

O evangelista João vai fazer a transposição do apelativo de hipócrita para o de cego: o pecado, então, consistirá em dizer "nós vemos", quando são cegos (Jo 9,40-41). Cegos como são, não podem reconhecer e descobrir em Jesus o enviado de Deus, por isso pedem por um "sinal do céu" (Lc 12,56; Mt 16,1-4). O pior é que intencionam guiar a outros (Mt 15,3-14) e sua doutrina não passa de um fermento mau (Lc 12,1).

"Sepulcros caiados", como também são identificados, acabam por aceitar como verdade o que eles querem fazer crer aos outros: julgam-se justos aos seus próprios olhos (Lc 18,9-12; 20,20), e se tornam surdos a qualquer apelo à conversão; censuram, condenam o próximo (Mt 7,3-5; Lc 13,14-15); promovem as tradições humanas, em vez da verdade divina (Mt 15,1-3) e requerem muitas práticas religiosas triviais, às quais emprestam um exagerado valor (Mt 23,23-24). Além disso, o hipócrita parece agir para Deus, mas na realidade age para si próprio (2Tm 3,5). As práticas mais recomendáveis como esmola, oração e jejum, são desta maneira adulteradas pela preocupação de "se fazer notar", sendo apenas um fingimento teatral, e não religião (Mt 6,2.5.16; 23,5). Professam a fé religiosa, mas não a praticam (Ez 33,31-32; Mt 23,3; Rm 2,17-23). Isaías bem profetizou quando disse que o povo se dirigia a Deus apenas com palavras, e não com seu coração (Is 29,13; Mt 15,7-9). Os hipócritas gloriam-se nas meras aparências (2Cor 5,12); insistem em ter privilégios especiais (Jr 7,4; Mt 3,9); apreciam ocupar lugares de destaque (Mt 23,6-7); a adoração deles não é aceita por Deus (Is 1,11-15), pois procuram sempre destruir outras pessoas com as suas calúnias (Pr 11,9).

Ao lado dessas conotações do termo, há, no Segundo Testamento, um sentido especial, fundamentalmente teológico, do conceito de hipocrisia. Para Paulo, o fato de Pedro e os judeu-cristãos evitarem comer com os gentio-cristãos mostra que eles foram hipócritas, porque se desviaram da "verdade do Evangelho"[6]. Já que essa conduta

6. A lei e as tradições separavam os judeus com uma barreira de prescrições de pureza legal, para que não "se contaminassem". Pedro, esquecendo ou descuidando sua experiência fundamental (At 10–11), por medo dos judaizantes (judeu-cristãos), evitava comer com os pagãos (também a eucaristia?). Paulo denuncia publicamente semelhante conduta. Cf. SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2000, comentário ao texto de Gl 2,11-21. Aqui, Paulo introduz uma síntese de seu pensamento sobre a salvação do homem pela fé no Messias, que com sua morte salva o homem, e não pelas obras. Empenhar-se por conseguir a salvação por méritos próprios é tornar inútil e inválida a morte de Cristo.

devia dar a impressão de que a "Lei" ainda estava em vigor, tratava-se de uma falta contra a pregação da fé em Cristo. Pois, pela morte de Cristo, o fiel morre com Ele ao pecado e à lei, e começa a viver com a vida recebida de Cristo; por isso Cristo vive nele. Sobre este último aspecto nos deteremos mais a seguir.

Sintetizando, os hipócritas, além de se afastarem do caminho de Jesus, impedem a muitos de caminhar nele, porque deixam de lado a justiça e o amor de Deus.

O perigo da hipocrisia

Como já falamos anteriormente, embora a maioria dos textos bíblicos faça referência à hipocrisia dos líderes religiosos, seria uma ilusão pensar que a hipocrisia fosse apenas própria deles. Já a tradição sinótica vai estender à multidão (estamos inclusos) a acusação de hipocrisia (Lc 12,56); o quarto evangelho, por sua vez, ao transpor o adjetivo "hipócrita" para "cego", referir-se-á aos judeus e a todos os incrédulos, de todos os tempos, que não acolhem a Cristo e seu projeto.[7] E, por conseqüência, os cristãos que têm sobretudo uma função de "guia" correm também o perigo de se tornarem hipócritas, e, por isso, são advertidos. Nem o próprio Pedro escapou desse perigo no episódio de Antioquia, que o pôs em conflito com Paulo (Gl 2,13). Pedro, consciente desse perigo constante, recomenda aos fiéis cristãos viverem como crianças recém-nascidas (1Pd 2,1s). Só um novo nascimento nos permitirá ver e desfrutar o reinado de Deus que se anuncia como um amanhecer (Sl 96,1.11).

A verdade é que todos nós que buscamos diligentemente pela autenticidade, até mesmo as pessoas sinceras, somos todos hipócritas. Sim, hipócritas, porque o ideal está sempre acima de nossa capacidade de realização, de construção do bem, por mais genuína que possa ser nossa intencionalidade sincera e autêntica. Convém aqui salientar o que descrevem Champlin & Bentes[8]:

> *a nossa tendência é tentar apresentar diante dos outros a idéia de que temos atingido melhor os ideais de sinceridade e autenticidade do que na realidade o fizemos. E não somente isso, mas também conseguimos enganar a nós mesmos, pensando que somos melhores do que, na realidade, somos. Portanto, não somente somos hipócritas diante de nossos semelhantes, mas até mesmo diante de nós.*

Isso não quer dizer que o nosso esforço contínuo na direção do ideal seja em vão. Pelo contrário, faz parte da mais genuína espiritualidade, que busca incessantemente eliminar aos poucos a hipocrisia e tantos outros "pecados" (vícios, defeito de caráter, debilidades, etc.), nos mais diversos níveis, através da humildade.

Assim, diante desse perigo constante, com a intenção de abrir os olhos para o mal que poderemos causar aos nossos irmãos/irmãs e a nós mesmos, vamos agora nos deter, mais especificamente, em alguns textos do livro de Atos dos Apóstolos, que ajudam a superar ou aprofundar a hipocrisia presente na comunidade primitiva e na nossa hoje.

7. LÉON-DUFOUR, Xavier e Outros. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1984, verbete "hipócrita".
8. CHAMPLIN & BENTES, *op. cit.*, verbete "hipocrisia".

Do ideal comunitário no livro dos Atos dos Apóstolos à hipocrisia de ontem e de hoje

Como ponto de partida, adentrando no livro dos Atos dos Apóstolos, a pergunta básica que devemos fazer é: *como deve ser uma comunidade para que seja sinal de vida nova?* O Segundo Testamento aponta vários modelos (Mt 5–8; 18,1-35; Mc 1,16-45). Já Lucas, ao descrever a vida dos primeiros cristãos, também propõe outro modelo: *Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações* (At 2,42). Podemos considerar estes quatro elementos como essenciais na prática religiosa da comunidade lucana. Ao dar-nos uma descrição do estilo de vida, Lucas nos indica ao mesmo tempo os fatores que expressam e mantêm essa vida.

É a partir desse referencial, do olhar sobre a comunidade idealizada por Lucas, em sua organização e em seus dois primeiros pontos de apoio sobre os quais se sustentava, que nos deteremos com o intuito de mostrar nossa fragilidade humana, que busca nossos interesses próprios e não os do próximo.

Ensinamento dos Apóstolos

A *primeira coluna*, na qual se sustenta a comunidade lucana, conforme nosso texto, é a perseverança no *ensinamento dos apóstolos*, que se sentiam preparados para esta tarefa por causa do seu convívio com Jesus e/ou a partir da experiência que tiveram da ressurreição.[9] Como Jesus, os cristãos tiveram a coragem de romper com o ensinamento dos escribas. Em vez de seguir a doutrina dos doutores da lei da época,[10] seguem, agora, a doutrina de homens simples e sem instrução (At 4,13). Esta forma de liderança não veio da tradição ou da raça, nem do poder ou da força, mas dos sinais realizados na comunidade (At 2,43; 4,33; 5,12.15-16) e do envio das mulheres, dos onze apóstolos, de Maria Madalena, dos setenta e dois discípulos, dos 120 discípulos, por parte de Jesus, e pela conseqüente experiência de perseguição por causa de seu nome[11].

O que é determinante no caso das comunidades primitivas é a tentativa de coerência prática das lideranças (apóstolos) e liderados (discípulos e discípulas) na fé que professam, fé esta que coloca em risco a própria vida, vivida à luz do dia, em nome do ressuscitado, pelo bem do irmão/irmã. Lucas, ao enfatizar as conversões, mostra que a comunidade está viva, por isso tem sempre mais gente aderindo ao Caminho de Jesus, ao novo modo de viver. As conversões aparecem aqui como resposta ao testemunho dos Apóstolos (At 6,7; 9,42), estando estes presentes nas comunidades, confirmando-as na fé (At 9,43; 15,41; 16,5), revelando a face de Deus como luz para a vida humana.

Hoje, muitos de nós estamos comprometidos numa *Nova Evangelização* que se preocupa, fundamentalmente, com novos métodos e técnicas de comunicação. Cristianizar o mundo, trazer de volta os cristãos afastados, são as tônicas do atual momento. Mas como, se nossas instituições religiosas, na pessoa de seus representantes "legais", e por conseguinte cada um de nós, parecemos não fazer uma nova e atual experiência de Deus, cada um dentro da realidade em que vive. Sem esta experiência, as palavras que dissermos, mesmo de maneira diversa, por mais novas que sejam, serão velhas; e a evangelização, independente das novas técnicas, jamais será Boa-Nova para nós mesmos, muito menos para os irmãos e irmãs.

Na boa vontade buscamos dar o que não temos, o que não experimentamos. Jesus veio revelar a face do Pai. *Quem me vê, vê o Pai* (Jo 14,9). Nada pode substituí-lo. Realmente, quem não o conhece talvez não sinta a sua falta.

Hoje, nossas igrejas, com seus discursos repetidos e cansativos, estão cada vez mais distantes do povo de Deus, povo excluído, a cada dia em maior número. Muita conversa e pouca prática.[12] Tais discursos servem para esconder a realidade e tranqüilizar as consciências, enganando a si próprios e ao povo – pura hipocrisia. Na maioria das vezes que agem acabam fortalecendo o sistema dominante (de competição, individualista, da segurança, da riqueza, consumista, da propriedade), do qual a sua estrutura eclesial faz parte. Em conseqüência, não animam o povo para as lutas, não fortalecem o senso comunitário, fraterno, solidário, participativo, não produzem liberdade, não favorecem a promoção social (acesso aos bens básicos de consumo), não estão presentes nos momentos difíceis – não defendem a vida. Para que servem?

Anunciar o sonho de uma nova sociedade vivida no amor é necessário para manter a esperança. Porém, é muito cômodo e pouco exigente. Isso não basta, porque o anúncio do Evangelho é anúncio do Reino de Deus para o aqui e agora, neste mundo que existe. O sujeito e destinatário desse Reino somos todos nós – a Boa-Nova é universal. Onde estivemos e o que temos feito que nossas ações, enquanto homens/mulheres e sociedade em geral, não têm uma dimensão transcendente que Deus conheça e sancione (Mt 25,31-47)? De hipócritas, ficamos logo cegos. Um pequeno passo.

Comunhão-koinonia

A *segunda coluna* de nossa comunidade é a *comunhão* que nos une ao Pai (1Jo 1,3), ao Filho (1Cor 1,9) e ao Espírito Santo (2Cor 13,13; Fl 2,1) e se traduz em comunhão fraterna com partilha de bens.[13] Este tema é o mais desenvolvido em At 2,42-47:

9. MARSHALL, Howard. *Atos*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1991, p. 83. O autor cita RIESENFELD, H. *The Gospel Tradition and its Beginnings*. Londres, 1957, onde afirma que é possível que os apóstolos tenham sido considerados, num sentido especial, os guardiães das tradições acerca de Jesus, na medida em que as comunidades cresciam e se desenvolviam.

10. Entende-se aqui como doutores da lei os escribas ou levitas que eram os intérpretes oficiais da lei. A eles cabia elaborar leis, propô-las ao Sinédrio e aplicar sentenças, conforme as leis. Estava nas mãos deles a responsabilidade educacional e também o monopólio na interpretação e transmissão da Escritura. Faziam parte do grupo dos *shofetim* (juízes), os *rabbi*, no grego os διδασκαλοι. Cf. MAZZAROLLO, Isidoro. *A Bíblia em suas mãos*. Porto Alegre: Edições EST, 1995, p. 105.

11. Cf. os textos Mt 28,9-10.18-20; Mc 16,15 e Lc 24,44-49; Jo 20,17; Lc 10,1-20; At 1,15-26.

12. Além do seu distanciamento do meio popular, a Igreja perde seus membros por causa da inadequação entre a linguagem e a prática oficial de um lado, e o que buscam as pessoas, de outro.

13. Este foi um dos aspectos marcantes no novo modo de vida dos crentes cristãos. Cf. MEALAND, D.L. *Community of Goods and Utopian Allusions in Acts II-IV*, JTS, 1977, p. 96-99.

Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo[14] *e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração.*

O mesmo tema voltará com destaque mais adiante em At 4,32-37 e em vários outros textos (At 6,1-2; 11,27-30; 24,17). A ajuda aos necessitados, em si, não era um gesto novo, pois a Torá judaica já contemplava o direito dos pobres e excluídos (Dt 15,1-11; 24,10-22). Aqui, na comunidade lucana não se tratava apenas de ajudar aos necessitados (At 6,1-7), mas de partilhar também os bens e propriedades, de tal modo que *não havia entre eles necessitado algum* (At 2,44-45; 4,32.34-35). O ideal da comunhão era chegar a uma partilha não só dos bens, mas também dos sentimentos e da experiência de vida, a ponto de todos se tornarem um só coração e uma só alma (At 4,32; 1,14; 2,46). Tal comunhão indicava a atitude de quem não se considerava dono do que possuía, mas tinha a coragem de partilhar seus bens com os outros (At 4,36-37). Assim, os cristãos não estão apenas cumprindo o mandamento da Torá mas sendo fiéis ao dom do Espírito de Jesus ressuscitado.

Porém, nem tudo estava bem na vida interna das comunidades. A fidelidade à missão passou por altos e baixos. Surgiram problemas, tensões, dúvidas, medos, acomodação. Era preciso discernimento para afastar desvios e consolidar o novo que experimentavam.

A comunhão fraterna, nesse contexto, é sagrada numa comunidade regida pelo Espírito em unidade, solidariedade e sinceridade. Por isso não pode ser profanada. Quem dela abusa em benefício próprio morre para a comunidade. É nessa ótica que podemos entender que a postura de Ananias e Safira (At 5,1-11) representava um perigo sério. Eles haviam vendido uma propriedade e diziam ter entregue todo o dinheiro da venda à comunidade, quando na realidade tinham ficado com uma parte. O crime não está em não partilhar, porque a comunhão fraterna não é obrigação nem lei, mas, no fato de, por amor ao dinheiro, terem pretendido enganar os apóstolos e, através deles, o Espírito Santo presente entre os irmãos e irmãs.

Esta atitude de Ananias e Safira revela a profunda hipocrisia existente em seus corações, porque, ao procurarem enganar os outros e a Deus, enganaram-se a si mesmos; ficaram cegos pela ganância, pelo possuir; buscaram seus próprios interesses, mesquinhos e egoístas. Aparentaram o que no fundo não são, dissimulando seus sentimentos e intenções[15].

Eles, apesar de participarem da comunidade, não confiavam totalmente nela. A desconfiança do casal precisava ser desmascarada e condenada. Provavelmente o pro-

14. Entre as práticas comuns dos recém-convertidos, judeu-cristãos, está a oração no Templo de Jerusalém, como continuidade com o passado.

15. O que está em jogo é a integridade da comunidade de Cristo e a inatacabilidade do Espírito Santo que representa o mistério da vida dessa comunidade. Cf. KÜRZINGER, Josef. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 121-129.

blema atingia outras pessoas. Que mentira era essa? Era exatamente a falta de confiança na comunidade, justamente num momento em que a comunidade enfrentava perseguições (At 4,3.17). A morte repentina dos dois mostra que a desconfiança e a mentira para com a comunidade tinham de acabar naquele momento, para salvar a caminhada. Quem matou o casal foi a ganância pelo dinheiro e a desconfiança para com a comunidade – mentira por causa do dinheiro[16].

Afirma Comblin[17] que:

> *Nas comunidades a corrupção entra quase sempre por razões de dinheiro. As malversações financeiras geram mentiras, as mentiras geram desconfianças, rivalidades, suspeitas e finalmente divisões, partidos, ressentimentos, separações e ruína. Por isso mesmo a comunidade defende-se contra qualquer penetração de mentiras em matéria financeira. Com isto não se pode brincar. A própria sobrevivência da comunidade está em jogo. Vale a pena contar uma história terrível para assustar os membros da comunidade.*

Nas palavras de Saoût[18], o Espírito Santo do Ressuscitado, que tenta fazer nascer pela partilha esta humanidade nova, esta Igreja-comunhão, foi nesta oportunidade provocado pela mentira. O vigor de sua reação traduz o vigor de sua presença na comunidade.

O que ocorreu ao casal Ananias e Safira devolveu firmeza e segurança aos membros das comunidades[19].

Durante vários séculos procurou-se viver a *agápê* (amor fraterno) em forma de solidariedade, a partir da família, na comunidade local e na Igreja. O amor a essas dimensões fazia com que tudo fosse sacrificado para o bem dessas formas de solidariedade. Romper com a família/comunidade/igreja era perder a dignidade humana, era afastar-se da condição de sobrevivência, sobre a qual girava tudo. Esta pertença fundamental foi quebrada pelo nosso casal em questão.

Em nossa sociedade ocidental parece que o individualismo venceu. A sustentação da família, agora, está fora dela. Neste mundo capitalista, no qual as empresas imperam, cada um por si luta contra todos, procurando vencer de qualquer maneira. Ninguém se sacrifica pelo bem de todos.

A maioria dos países ocidentais ricos, a começar pelos seus governantes e pela religião que os legitima, se entendem como mantenedores da tradição cristã. Pura hipocrisia. São os primeiros a oprimir, a tirar o pouco que resta dos seus "irmãos" mais pobres. Misericórdia, perdão, justiça social, são palavras que fizeram parte, apenas, de

16. MOSCONI, Luis. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 146-148.

17. COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos* (Col. Comentário Bíblico NT). Petrópolis: Vozes, 1988, v. I: 1-12, p. 131-133.

18. SAOÛT, Yves. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 223.

19. Comenta Barclay que há uma certa coragem nesta história, porque ela nos mostra que ainda nos melhores tempos da Igreja havia uma mistura de bem e de mal. Faz bem em recordar que, se a Igreja tivesse que ser uma sociedade de gente perfeita, não existiria. Cf. BARCLAY, William. *El Nuevo Testamento: In Hechos de los Apostoles*, v. 7. Buenos Aires: La Aurora, 1954, p. 53.

seus "catecismos", jamais foram gestos concretos. A práxis de Jesus de Nazaré que compartilhou a mesa com os marginalizados de seu tempo, pobres, mulheres, pecadores e publicanos, permanece apenas nas entrelinhas de suas bíblias mortas.

Nossas igrejas, da mesma forma, se não optarem pela pobreza e esperança de seu povo, se não deixarem sua cômoda segurança, se não tomarem consciência da realidade ao seu redor e se não deixarem de lado seus fundamentalismos que exigem parte do salário de fome de seus fiéis, serão apenas templos, estruturas de pedra. Nossas igrejas, se não deixarem de dar tanta ênfase aos ritos e pouca ênfase à vida e se não deixarem de ser omissas diante das responsabilidades que têm, assumindo as rédeas do agir social ao seu alcance, e se continuarem, longe de seu carisma, a oprimir as consciências com exortações que soam a hipocrisia, serão apenas instituições mortas a serviço de si mesmas – como um olhar diante do espelho.

Ainda, cada um de nós tem exercido a prática da justiça e da partilha com aqueles com quem convivemos, ou temos aproveitado as circunstâncias em favor de nós mesmos? Infelizmente, o nosso comprometimento com a transformação da sociedade atual é quase nulo, porque nossas preocupações não passam além de nosso próprio umbigo, de nosso pequeno mundo fechado em nós mesmos. Triste realidade!

A vocação cristã confere dignidade à medida que liberta a pessoa e a torna capaz de agir a serviço do próximo, partilhando o que se é e o que se tem. Como muitas vezes disse Jon Sobrino, o sonho para nossa humanidade atual é "a mesa compartilhada".

Porém, o caminho que a lógica do sistema vigente, egoísta, competitivo, capitalista, impõe-nos é a própria autodestruição. Deixemo-nos penetrar pelo caminho de Jesus.

Tensões internas – fruto da hipocrisia

Vários foram os conflitos enfrentados pela comunidade lucana. Além dos conflitos gerados do confronto com as autoridades judaicas, perseguições movidas por Paulo e por Herodes Agripa[20] contra os discípulos, a comunidade também tinha que enfrentar os conflitos gerados no seu próprio interior. Os episódios da *eleição dos sete discípulos* (At 6,1-6) e o da *discussão gerada por causa da presença de Pedro entre incircuncisos* (At 11,1-18) revelam de modo marcante essas tensões internas. A importância destes dois episódios reside no fato de que eles revelam o conflito entre dois modos diversos de compreender o seguimento de Jesus.

O primeiro mostra-se aberto aos pagãos, ao mundo grego. A parte do texto que nos interessa aqui começa dizendo que *surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus. Isto porque, diziam aqueles, suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária*[21]. As viúvas, grupo social desvalido e objeto de atenção especial na

20. Cf. At 7,54-60; 8,1-3; 9,1-2; 12,1-4; 13,50-51; 8,1-3 e 12,1-17.

21. Os *helenistas* são os judeus que viviam fora da Palestina (diáspora), haviam adotado certa cultura grega e dispunham em Jerusalém de sinagogas particulares, onde a Bíblia era lida em grego. Os hebreus eram os judeus de origem palestina que falavam o aramaico, mas liam a Bíblia em hebraico nas sinagogas. Esta divisão foi transposta para o seio da Igreja primitiva (cf. nota "e" da *Bíblia de Jerusalém*, referente a At 6,1-6).

tradição bíblica, vivem da caridade na comunidade cristã.[22] Pelo visto, segundo as queixas, as viúvas helenistas recebem um trato pior, discriminado em relação aos cuidados que a comunidade tinha para com os outros pobres.

Este episódio da falta de partilha talvez dissimule, encubra outras tensões mais profundas entre os dois grupos, que não vêm ao caso nesta reflexão.

Nosso interesse em fazer-lhe referência está no fato de que, dentro de nossas igrejas hoje, estamos reproduzindo a mesma hipocrisia. Continuamos a formar grupinhos fechados, a criar pequenos guetos dos quais só participam as mesmas pessoas, sem falar de nossa religiosidade que reside no fato de cumprir apenas os ritos, sem um comprometimento maior, de cada um de nós, na defesa e promoção da vida, sobretudo de nossos irmãos mais carentes.

A competição do mundo moderno está tão entranhada em nós que nem percebemos que estamos medindo forças, competindo entre pastorais, movimentos, etc., seja por lucro de cantinas, barracas de festas, arrecadação de dízimo, venda de bilhetes para almoços e rifas, seja por número de casas visitadas ou pessoas "evangelizadas". Que tristeza! A tão idealizada "unidade na diversidade" está cada dia mais distante. E isto falando das relações com grupos de dentro de nossas igrejas. O que diríamos, então, das nossas relações com os irmãos e irmãs "afros", "protestantes históricos", "pentecostais", "espíritas", etc.? Como podemos nos entender com os de fora se não fazemos o menor esforço para dialogar, conviver irmãmente com os de dentro? Somos ou não todos iguais perante Deus (Gl 3,28)?

Alguns passos têm sido dados. Um deles, em vista da credibilidade da mensagem evangélica, é o que chamamos de *ecumenismo de ação* que visa a unidade dos cristãos, em torno de ações em favor das grandes maiorias empobrecidas. Estas iniciativas têm ajudado muito a homens e mulheres, de diversas denominações, a se conhecerem melhor, a se respeitarem mais e a terem mais viva consciência dos valores essenciais da fé cristã.

Muito mais há que se fazer.

Na mesma linha, o segundo episódio (At 11,1-18), porém, está mais preso aos costumes e tradições judaicas[23]. O texto descreve a acusação que os representantes da comunidade judeu-cristã de Jerusalém, ligados ainda firmemente aos preconceitos raciais e aos escrúpulos religiosos em relação ao pagãos, levantam contra Pedro, porque

22. Comenta Comblin que o convite às viúvas para participarem das refeições comunitárias é uma criação cristã. Não há nada semelhante no mundo greco-romano nem no mundo judaico da época. Cf. COMBLIN, *Ibidem*, p. 146-148.

23. Esse conflito acontece quando do início da expansão do anúncio cristão ao mundo grego. Desde alguns séculos antes de Cristo, havia comunidades judaicas espalhadas por todo o mundo conhecido (Diáspora judaica), que se relacionavam, necessariamente, com povos pagãos e com a cultura grega. A fé monoteísta e os elevados valores morais desses judeus favoreceram a que muitos pagãos se convertessem ao judaísmo. Esses pagãos convertidos ao judaísmo chamavam-se "tementes a Deus" ou "prosélitos". A eles eram impostos os costumes da religião judaica: a circuncisão, os banhos rituais, a oferta de sacrifícios, tudo segundo as normas jurídicas da religião judaica. Formavam uma espécie de segunda classe dentro da comunidade judaica. Mesmo convertidos, eram considerados pagãos perante a Lei e não gozavam dos mesmos direitos que um judeu "legítimo". Dá para imaginarmos como seriam considerados os pagãos que se convertiam ao anúncio cristão, sem terem, primeiro, aderido ao judaísmo.

este entrou em casa de incircuncisos e comeu com eles (v. 2-3)[24]. Sobre isso, Storniolo[25] comenta que:

> *Pedro[26] fizera duas coisas proibidas pela Lei, e o fizera conscientemente, conforme At 10,28. Problema sério, porque implicava a queda do muro de separação racial e religiosa. Os cristãos sentiam que a cerca havia sido arrancada, o que lhes trazia insegurança de identidade. As conseqüências eram graves. Como viver comunitariamente com pagãos, comer com eles, participar do mesmo teto, celebrar juntos a Eucaristia? Tudo isso estava em jogo. Ou se aboliam as observâncias judaicas, ou seriam criadas duas igrejas: a igreja cristão-judaica, de primeira classe, isto é, de observância estrita, e a igreja cristão-pagã, mais livre, porém de segunda classe.*

A mesma situação é narrada por Paulo, então em Antioquia, em que Pedro e os judeu-cristãos, ao evitarem comer com os gentio-cristãos (incircuncisos), fingiram, dissimularam, foram hipócritas, porque *não andavam retamente segundo a verdade do evangelho* (cf. Gl 2,11-14).

Paulo, neste texto, censura severamente Pedro porque este dá a entender que só os judeus convertidos, praticantes da Lei, eram verdadeiramente cristãos, e levava assim a constituir duas comunidades estranhas uma à outra[27].

Comblin comenta que uma das características da comunidade cristã é a comunhão material e a participação na mesma mesa. Se ricos e pobres, judeus e não-judeus, homens e mulheres comem em lugares diferentes, o cristianismo terá um conteúdo diferente para cada grupo e não haverá realmente uma Igreja[28].

O primeiro aspecto a considerar é que comer com os pagãos era deixar-se contaminar, porque eles eram tachados de pessoas impuras. Era mais fácil aceitar quando os pagãos se aproximavam dos judeus.

O segundo aspecto, que reforça o afastamento entre eles, é o esforço de procurar afirmar sempre a sua identidade judaica como distinta da dos outros.

O problema da comunhão de mesa com os pagãos é tão sério que vai ser pauta do Concílio Apostólico. Porém, para o acesso dos pagãos à mesa dos judeus, aqueles terão que aceitar certas restrições na comida (deixar de lado os alimentos considerados impuros pelos judeus – cf. At 15,20-29)[29].

24. FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991 (Bíblica Loyola, v. 3), p. 216-217.

25. STORNIOLO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 1993 (Série "Como ler a Bíblia"), p. 104.

26. Convém aqui lembrar o texto da carta aos Gálatas (cf. Gl 2,7-8), documento mais antigo que o livro dos Atos dos Apóstolos, que apresenta Pedro como aquele a quem foi confiado o evangelho dos circuncisos (judeus).

27. Geralmente não nos damos conta de que o cristianismo esteve perto de converter-se em outro tipo de judaísmo. Todos os primeiros cristãos eram judeus e a tradição e as perspectivas judaicas os haviam levado a guardar estas novas maravilhas para si mesmos e a crer que não era possível que Deus pretendesse fazê-las chegar aos desprezados gentios. Lucas nos relata duas vezes este incidente completo porque vê nele um notável feito no caminho pelo qual a Igreja buscava tanto a concepção de um mundo para Cristo. Cf. BARCLAY, *op. cit.*, p. 95-96.

28. COMBLIN, *op. cit.*, p. 194-195.

29. *Ibidem*, p. 13-15.

Infelizmente, esse não é um problema, apenas, do passado. Atualmente, com outras "roupagens", ele aparece, de uma forma ou de outra, desestruturando (danificando) as relações entre igrejas e comunidades cristãs.

Hoje, da mesma forma, podemos e devemos perguntar por que não conseguimos ou não tentamos viver de forma comunitária/solidária com nossos irmãos e irmãs, partilhando com eles o *pão nosso de cada dia*, o mesmo *teto*, as mesmas *preocupações*, até mesmo celebrarmos juntos o referencial maior de nossa *fé* (Eucaristia, Ceia, ou qualquer outro nome que receba). Nós estamos fazendo muita coisa, menos viver o Evangelho da vida de Jesus de Nazaré.

Por que damos tanta importância a coisas menores em detrimento das maiores e fundamentais? Enfatizamos, com tanta veemência, as pequenas coisas que nos diferenciam (nos afastam), quando deveríamos comungar daquelas que nos identificam (nos aproximam). Por quê? Por acaso nos achamos melhores do que os outros, somos detentores da verdade? Será que o caminho que trilhamos é o mesmo caminho das comunidades que assumiram, com coragem e coerência, ao longo da história, o desafio de seguirem, verdadeiramente, o Cristo?

Será que temos a vontade de romper com legalismos históricos, que, aparentemente, nos dão certa segurança, mas que no fundo são injustos, porque dividem, excluem, privilegiam uns em detrimento de muitos?

Por que nos deixamos levar por uma meia dúzia de opiniões, ou decisões centralizadas, que atrás de boas intenções encobrem interesses particulares, de minorias privilegiadas, e não os do Reino de Deus?

Diante dessa religião burguesa de hoje, sob forte onda "espiritualista hipócrita", é fundamental deixar claro que a verdadeira comunhão eclesial se faz na comunhão de casa, mesa e esperança, sobretudo com nossos irmãos e irmãs pobres.

Conclusão

Neste início de milênio, através de todas as religiões, somos chamados a amar verdadeiramente, a sermos sinceros em nossos propósitos de criaturas que, junto ao seu criador, reconstroem relações, humanizam as instituições, cicatrizam feridas, partilham a vida, vivenciam o Reino de Deus.

A nossa grande tarefa é estar a serviço do povo que sofre, marginalizado à beira do caminho, esquecido em sua miséria e dor. As transformações da sociedade em espaço de partilha, justiça, esperança e paz, só serão possíveis se colocarmos como prioritária a vida do ser humano – qualquer que seja o outro. O nosso olhar e preocupações proféticos em favor da Vida ajudam-nos também a não cedermos ao cansaço e a pedir forças para sermos *fiéis ao desafio sempre novo da Palavra*. Não seremos capazes de manter acesa a esperança se não vivermos a espiritualidade com consciência profunda e prática.

O verdadeiro amor jamais será hipócrita!

Que Deus seja tudo em todos!

Bibliografia

BARCLAY, William. *El Nuevo Testamento: In Hechos de los Apóstoles*, v. 7. Buenos Aires: La Aurora, 1954.

CHAMPLIN, Russel Norman & BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1991, vol. 3.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos* (Col. Comentário Bíblico NT). Petrópolis: Vozes, 1988.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.

JOSEFO, Flávio. *Antigüidades Judaicas e Guerra dos Judeus contra os Romanos*. São Paulo: Editora das Américas, 1963, vol. V, livro XVIII.

KÜRZINGER, Josef. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1984.

LÉON-DUFOUR, Xavier e Outros. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1984.

MARSHALL, Howard. *Atos*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1991.

MAZZAROLLO, Isidoro. *A Bíblia em suas mãos*. Porto Alegre: Edições EST, 1995.

MEALAND, D.L. *Community of Goods and Utopian Allusions in Acts II-IV*, JTS, 1977.

MOSCONI, Luis. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SAOÛT, Yves. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2000.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 1993.

José Flávio de C. Fernandes
Centro de Estudos Bíblicos – CEBI
joseflaviofer@uol.com.br